

O PAPEL DA MEMÓRIA NO PROCESSAMENTO DA LEITURA DO OBJETO ESTÉTICO: O GÊNERO CONTO

*The role of memory in the process of reading the aesthetic object: the
short story genre*

Sonia Inez Gonçalves Fernandez
UFSM

Resumo: Tomaremos para esta reflexão o gênero conto como construção e não como discurso porque entendemos que as configurações particulares nele contidas, verídicas ou fictícias, sempre tenderão a constituir-se numa construção sensível. Quanto à materialidade do conto escolhido, vamos lidar com o embate eu/outro, com o negro, com o opositor e até com os pares, mas, num outro diapasão ideológico, que a própria história trata de atualizar e com a (i)materialidade (porque desconhecida, dispersa, heterogênea) da memória expressa nas referências dos leitores. Desse encontro/desencontro/encontro de intersubjetividades, construiremos a significação possível do texto, com um grupo específico de leitores. A significação obtida deverá revelar os usos da linguagem nos quais as formas de memória fizeram intersecção. Esse é o encontro buscado nessa prática de leitura; na qual a materialidade das referências é provisória e sempre passível de correção (entendida como amadurecimento, ampliação, aperfeiçoamento) e na perspectiva de que arte e vida podem beneficiar-se mutuamente.

Palavras-chave: Conto-identidade. Memória-subjetividade. Recepção-conhecimento estético.

Abstract: *In this discussion we will consider the short story genre as a construction rather than a discourse, since we believe that its specific features: either true or imaginary, usually consist of a sensitive construction. In regard to the materiality of the selected short story, we will focus on the clash among 'I'/other', the Black, the antagonist and even the peers, both through an ideological pattern that is updated by history itself, and through the (i)materiality (because heterogeneous, dispersed, unfamiliar) of the memory articulated through the readers'accounts. From the encounter/misencounter/encounter between text and reading, a possible meaning will be built with a particular group of students. The achieved meaning should reveal the uses of language in which forms of memory have intersected. That is the encounter we searched for in this type of reading practice; one in which the materiality of the accounts is provisory and always*

*subject to correction (understood here as improvement, elaboration, maturity)
and also, in the light that art and life may benefit from one another.*

Keywords: *Short story-identity. Memory-subjectivity. Reception-knowledge.*

O gênero conto: objeto de memória e de ficção

Um pouco na contramão da corrente, porque as correntes tampouco são fiáveis, tomaremos para esta reflexão sobre o gênero conto, a noção de construção em detrimento da noção de discurso, tão em voga. Sou passadista confessa e em não serem fiáveis nem passadistas nem contemporâneos, opto por aquilo que me constitui e que sigo buscando entender. As modas passam; o aprender é contínuo, cumulativo e sempre retificável. Neste sentido, nosso propósito será compreender as configurações particulares contidas no conto, pois sendo verídicas ou fictícias sempre tenderão a constituir-se uma construção sensível, conseqüentemente afetarão alguém, algum leitor, no caso. Esta construção que também chamamos ficção, ainda quando finge ser verdadeira, finge uma realidade e não um discurso, portanto, resulta de uma organização singular de atributos particulares e não de uma concatenação de universais, como seria o caso do discurso. O gênero conto é assim, ao mesmo tempo objeto verbal e objeto mental, cujo conteúdo pode estar adormecido tanto na memória do leitor como na imaginação do escritor e, sendo da ordem das coisas particulares, o seu sentido pode variar segundo as referências do leitor/interpretante, porque suscita mais que um sentido, suscita enigmas e tanto afirmações/negações quanto interrogações. Mas como a noção de objeto se relaciona com a noção de representação, sempre resultará mais seguro considerar a narração (do conto) como um objeto autônomo, um fim em si, de cuja realidade como objeto, deve-se extrair sentido. É preciso deixar claro que esta posição é intermediária entre a total independência do objeto estético e a sua total dependência em relação à capacidade do leitor de construir sentido. Como ler e atribuir sentido é um processo que como tal passa por etapas, não seria coerente abdicar do fato de que o texto contém algo que podemos não alcançar em determinado momento e que em outros momentos, faríamos com facilidade.

Faz-se necessário para o nosso propósito, tomar o conceito “narração-objeto”, extraído de Juan José Saer (1999) e o conceito de memória, extraído da fenomenologia da lembrança explicada por Paul Ricoeur (2007), para tratar tanto da lembrança como *afecção/pathos*, quanto da lembrança como objeto de uma busca, denominada recordação, na qual está implicado o desejo de atualização dos fatos recordados. Segundo Ricoeur, a lembrança alternadamente encontrada e

buscada situa-se no entrecruzamento de uma semântica (criação) com uma pragmática (recepção) e é isto que nos interessa explorar a partir do processamento da leitura do conto “Os devaneios do general” de Érico Veríssimo, levado a cabo pelos participantes do Projeto “Leitura de texto literário e formação de mediadores de leitura”, em andamento na Universidade Federal de Santa Maria-RS, desde 2009. Contudo, não se pode tratar da lembrança, seja na forma da memória espontânea, seja na forma da memória refletida, sem invocarmos o esquecimento. Pois, em sintonia com as correntes racionalistas de desvalorização da memória, encontramos no mundo das instituições tanto o abuso do esquecimento quanto o que Ricoeur chama de “memória manipulada” e a este fenômeno daremos atenção no processamento da leitura do referido conto, por se tratar de leitores imersos na mesma cultura do escritor.

Este posto de observação nos servirá para entender a resposta específica, a significação empreendida por alguns leitores como forma de resignificar o impedimento causado pela manipulação da História, tanto como disciplina escolar como na defesa dos valores hegemônicos de uma cultura. Estamos nos referindo aqui aos usos da memória comemorativa que vem se impondo na vida escolar e na cultura oficial em detrimento de uma abertura para a convivência das duas intencionalidades da memória, seja a da memória voltada para o fantasioso, o utópico, o possível (a coisa imaginada); seja a da memória voltada para a realidade (a coisa lembrada). Não é o caso de discutir neste espaço as diferenças entre memória e imaginação, história e ficção, porém o conto “Os devaneios do general”, de Érico Veríssimo, propicia marcar as diferenças entre lembrança, recordação e devaneio (formas de memória) como modos de concretização do passado enquanto hábitos da personagem. São estas formas de concretização do presente que, entretanto, mantém estreita relação com o passado.

Quanto à estrutura ficcional do conto que, sendo capaz, a princípio, de suscitar tensão no leitor, pode, também, encontrar os sistemas referenciais deste (des)pragmatizados, em relação ao seu quadro de referências. Fato que pede uma mediação cuidada para não comprometer as possibilidades de sentido do texto, nem a disponibilidade do leitor para desempenhar seu papel. Acreditamos que é pela combinação dos sistemas referenciais (do texto e do leitor), implícitos nas perspectivas textuais que a construção do objeto estético se dá. Porém, notamos que muitas vezes é preciso “pragmatizar” essas referências. Ou seja, é preciso libertá-las de condicionantes padronizadas, para que possam realizar-se plenamente, pois é na articulação da estrutura interna do texto com a lembrança encontrada e/ou buscada que o efeito se concretiza. O efeito é mais que uma simples atribuição de sentido, o efeito é uma experiência estética que tem conexão com

a memória vivida ou imaginada, mas é preciso que ela possa manifestar-se sem as peias da metalinguagem imposta pela escolarização que, na boa fé de dar ao estudante ferramentas, roubou-lhe a capacidade de exercer sua própria capacidade de significar (atribuir sentido). Não é segredo para ninguém, embora não se admita em público, que o que se exige, na maioria das vezes, do estudante é uma reprodução das análises críticas já referendadas pela academia. Em contrapartida, fala-se muito pouco do repertório, da seleção, da combinação de dados e inferências do leitor, do registro que ele faz dos procedimentos para a compreensão dessa construção que é a obra literária e muito menos do registro de seu caminho analítico, para não falar da análise desse caminho. É este conjunto de ações que nos propomos descrever, analisar e refletir sobre, neste espaço.

O que se busca, ao fim, neste tipo de mediação que propomos é uma resposta estética de significação, fundada no vínculo entre subjetividade e intersubjetividade, porque a arte moderna passou a explorar a variante performance mais que a matriz mimesis, no que diz respeito ao entendimento da natureza, o que trouxe consequências para a resposta estética do leitor. Assim, da imitação, como processo de criação (no qual os dados observados na natureza migravam para a mente do artista) passou-se à performance (processo no qual as formas armazenadas na memória do artista é que são postas em ação tanto para o que diz respeito à repetição e imitação, quanto à ruptura). Esta explicação é importante, porque dá suporte à utilização dos conceitos de figura/fundo para alcançar os de schema/correção, tão necessários para a construção do objeto estético pelo leitor que nos acompanha. É o processo seletivo que capacita o leitor a agrupar dados de sua percepção, organizar suas impressões, reduzir a contingência, construindo como consequência, um ato de compreensão do objeto estético mais econômico e mais significativo. Este ponto é de fundamental importância para o trabalho, pois reconhecemos estar lidando com um objeto complexo, que exige operações complexas da mente. Por isto, ainda que não explicitemos para os participantes do Projeto as categorias *foreground/background* de Iser (1996), nós as temos em conta, pois nos ajudam a compreender melhor a experiência de leitura, bem como o princípio de seleção dentro da teoria do efeito – campo de conhecimento que resgata conceitualmente a discussão sobre a estética em literatura. Tão importante nestes tempos cheios de eufemismos e disfarces que, por outro lado, não conseguem esconder restrições ao leitor, ao mesmo que o libera na outra ponta para o que vier, sem nenhuma reflexão.

Assim, quando a ação criativa passa a ser mais importante que imitar ou reproduzir, os procedimentos passam a ser mais importantes que o discurso em si. Vale mais o ato performativo

que o imitativo, porque mesmo o imitar passa necessariamente pela seleção e pela correção. Por isto, para a compreensão do texto literário, a percepção de uma formulação desde dentro é imprescindível e depende muitas vezes de um mediador mais experiente. É importante ressaltar que há níveis de experiência de leitura, normalmente reconhecidos no discurso pedagógico, porém pouco considerado na prática de leitura. Neste sentido, a apreensão de um primeiro código (figura), por assim dizer, que oferece diretrizes para a apreensão do segundo código (fundo) não pode ser negligenciada, pois é a partir dela que a significação do objeto estético pode ser produzida. Ler pode ser entendido em um primeiro nível como imitar, na medida em que passa pelas mesmas fases de esquema e correção do escritor ao produzir a obra. Para a performance, no entanto, são exigidas outras capacidades que, partindo de uma concepção de sistema de mundo, como o da fenomenologia, ressaltam o papel do receptor, por um lado e considera, por outro, que a ficção é um meio estético de falar sobre a realidade (ISER, 1996). Em sendo assim, considerar os mecanismos reguladores e os sistemas referenciais é parte do trabalho de ajudar a perceber o quanto a literatura, por seu lado, abala as estruturas sociais e como o que chamamos realidade é passível de ser validado, negado ou neutralizado pela interpretação, em relação ao conjunto das normas dominantes de uma sociedade que, por sua vez, estão em contínua mudança, mas ainda assim guardam algo das antigas referências que servem de suporte para o leitor. Desta forma, temas como a negatividade, as pulsões de morte, como o sadismo, a perversidade, a indiferença, o abandono e a fatalidade ficcionalizados no conto serão interpretados, levando-se em conta o caráter dialético dessa relação texto/leitor.

No que se refere à materialidade do conto escolhido: o embate eu/outro, com o negro, com o opositor e até com os pares, será tratada em um diapasão ideológico que a própria história tratou de acomodar para os leitores em questão. Ao mesmo tempo, lidaremos com a (i)materialidade (porque desconhecida até então, dispersa, heterogênea) das referências dos leitores. Estas aludirão inevitavelmente à memória e à imaginação do narrador/escritor, as quais caberão ao leitor respeitar e significar e/ou resignificar, tendo em vista a contingência do espaço/tempo da leitura. Desse encontro/desencontro/encontro, se constrói a significação possível. No caso, muito bem marcada pela intersecção dos usos da linguagem com as formas de memória. Esta prática de leitura, na qual a materialidade das referências é provisória e sempre passível de correção e, sobretudo, entendida como amadurecimento, ampliação, aperfeiçoamento, dá-se na perspectiva de que arte e vida podem beneficiar-se mutuamente, porque ambas são formas de conhecimento que se caracterizam por dinâmicas próprias, que cabem ao leitor inter-relacionar.

Além disto, pareceu-nos útil recuperar a teoria do “super eu” (FREUD [1930] 2010) como instância moral de auto-observação, responsável pela formação dos ideais e do sentimento de culpa. A propósito, tomamos de Safatle (2011) a explicação de que há situações nas quais os próprios valores e normas podem ser irrealizáveis, ou seja, podem ser um construto contraditório que visa dar conta de disposições diversas e diversificadas, como no caso do narrador do conto “Os devaneios do general”, alter ego do escritor Érico Veríssimo. Quanto ao leitor, só compreenderemos os ideais e o sentimento de culpa, se pudermos identificar a consequência das fraturas abertas no processo de formação da identidade pessoal e coletiva, para o que este conto no contexto de leitura do espaço sul rio-grandense constitui um posto de observação privilegiado para um mediador externo a esse contexto. Mais útil ainda que a teoria do “super eu”, para a construção do sentido do conto indicado é o modelo da “suspeita de si”, legado de Freud ([1930] 2010) que entende a forma de vida da modernidade como caracterizada, principalmente, pela suspeita em relação aos ideais que organizam os processos de maturação de nossa vida social, que passam tanto pela afetividade, como pela rejeição, repulsa, negação e até racismo. Vale destacar que Freud ([1930] 2010) sabia que sua experiência intelectual colocava em operação um modelo de reflexão que desconstruía a estabilidade de nossas figuras gerais de normalidade e de maturação psíquica, o que nos ajuda a compreender que as valorizações ou discriminações são provas vivas das crises provocadas por nossos próprios valores e não apenas por imposições ideológicas. Entretanto, não trataremos com a profundidade que este aspecto merece, neste texto.

O gênero conto e o processamento da leitura

O projeto “Leitura de texto literário e formação de mediadores de leitura”, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria-RS, coordenado pela autora deste texto, tem como subtítulo “Ler e contar, contar e ler”, porque queremos garantir a experiência ancestral das múltiplas vias “Quem conta um conto aumenta um ponto” e porque o gênero conto trata do homem que fomos e ainda somos. Porém, o conto é essencialmente ficcional e como manifestação artística, sua característica fundamental é recusar o quadro de referências equilibradoras dos sistemas sociais aos quais está adstrito e, esta, a principal razão da escolha do conto “Os devaneios do general” de Érico Veríssimo, para esta reflexão. Este conto lido e comentado, dentre outros, com os participantes do Projeto no 1º Semestre de 2013, evidenciou a inevitável modificação em termos de memória/expectativa e um conseqüente redirecionamento no processo de leitura a partir de uma percepção mais empática desses leitores com a personagem general Chicuta.

Tratou-se de um processo no qual o efeito surpresa foi o responsável por uma atribuição de sentido, na qual o quadro de referência equilibrador do sistema da sociedade e do pensamento regional pode ser reorganizado, passando a constituir a estrutura ou o próprio repertório do texto. A revisão das normas e alusões do contexto fez com que novos significados pudessem configurar-se. Mas, vamos começar do começo.

Nosso protocolo de trabalho inicia-se com duas perguntas. A primeira: quais as suas impressões? Espera-se que os leitores falem do seu processo de leitura, do que aconteceu durante o ato de leitura, o que pode incluir algo estranho ao texto. A segunda: qual o efeito que o conto produziu segundo suas sensações, emoções, reflexões? Espera-se que falem mais especificamente dos acontecimentos inerentes à narração, o que inclui o modo de narrar. Os relatos trazem informações subjetivas e, invariavelmente, o leitor se dá a conhecer ao grupo, pelo simples fato de que o efeito é pessoal. No entanto, constata-se uma resposta relativamente comum no que se refere à significação do texto. Explico: As lembranças, as invocações, as projeções surgidas no ato da leitura são particulares, mas uma base comum de significação é atribuída ao texto, por parte dos leitores. Como consequência, a conversa pode derivar para questões da vida de todos nós ou de alguém em particular, o que é sempre terapêutico, porque a vida moderna não permite grandes nem pequenas aproximações entre as pessoas e a literatura cumpre, neste aspecto, uma de suas funções humanizadoras.

Porém, à medida que os leitores vão se tornando mais experientes, eles vão introduzindo ou chamando a atenção para especificidades da construção do texto e a conversa toma novos rumos. Alguém que começou sua fala referindo-se às personagens como pessoas e tratando as ações/conflitos como se fossem verdadeiras começa aos poucos entrar no jogo da ficção e o vocabulário modifica-se. O leitor passa a observar os procedimentos. Às vezes, alguém que à primeira vista nos figurava um leitor ingênuo acaba revelando-se um excelente observador e interpretante competente, na medida em que a função sintonizadora e a cognitiva vão se superpondo à catártica.

Essas surpresas do ponto de vista da recepção animam o mediador de leitura e faz girar a roda da conversa. Nosso propósito neste caso é tratar do papel da memória que foi surgindo das impressões de leitura e, mais precisamente dos comentários sobre o efeito. Além disto, o fator tempo é de suma importância para o processamento da leitura, pois o caráter sígnico-consecutivo do texto se oferece à construção e o preenchimento do sentido é feito por etapas. Sabemos que os sistemas referenciais do objeto estético tem que ser acionados para que a subjetividade do

leitor e a estrutura subjetiva da obra entrem em sintonia e nem sempre o tempo colabora. Algumas estratégias, porém, são particularmente produtivas, entre elas a de inferência que permite relacionar o reconhecimento do vivido com o jogo ficcional. Sobre o conto em questão, observamos que os participantes do encontro haviam se referido ao personagem General Chicuta como uma pessoa/uma personagem que se punha a recordar “os tempos gloriosos” como forma de se contrapor aos tempos de decadência e rebaixamento em que se encontra no presente e que de forma geral, também, todos estavam de acordo que a personagem era um signo do mal, do reprovável, era um malfeitor e que na oscilação passado/presente, a narrativa tratava de conferir-lhe o devido castigo e isto referendava o efeito previsto pelo narrador, em um primeiro nível de leitura.

Por causa da referência afetiva, a palavra rebaixamento apareceu logo de início, pois o General Chicuta, lembrava o pai, o avô de alguém. A vida militar é conhecida de muitos estudantes de Santa Maria por causa da existência de uma Base Aérea e, com isto, o modo rígido (em suas palavras) de se colocar diante da vida foi assinalado por vários leitores que convivem com pessoas com alguns traços semelhantes aos do General Chicuta (guardadas as diferenças que já são notadas). Não era necessário, neste caso, portanto, nenhum preâmbulo sobre a questão da memória; as analogias e comparações com experiências conhecidas foram aparecendo aos borbotões. A questão assim era conseguir passar da vida para a arte. Neste ponto, a arte imitava a vida e questões de representação eram inevitáveis, justamente pelo afetamento provocado pelo espaço, pelos gestos, pelas falas e pelas idiosincrasias da personagem.

As identificações foram acolhidas e os alunos-mediadores (são pesquisadores de Iniciação Científica) foram extraindo elementos próprios da narrativa e aqueles leitores mais tímidos também iam entrando no jogo da ficção. A primeira mostra de correção veio justo da leitora que pareceu ingênua no seu comentário inicial. “Abre-se uma clareira azul no escuro céu de inverno”. Lembra o “abre-se a cortina” do teatro, dando início ao espetáculo a que outro leitor acrescentou: lembra também o “Faze-se a luz” da Bíblia. Porém, há sempre aqueles que resistem. Uma desconfiança de que vão falar sobre mim e estarei alerta. São estes, no entanto, que acabam por repensarem seu contexto pragmático, ao se virem mais tocados pelo texto no plano da afetividade.

Uma vez disparados os comentários subjetivos, somando-se colaborações de todo tipo é preciso manter o foco na referencialidade do texto e para tanto, o papel do mediador é essencial. Neste caso, o vocabulário relacionado à vida militar: “guerra, covardes, campo aberto, peito

contra peito, homem contra homem, bombas, infantaria, cheirava a sangue, combate, ataque rápido, apanhada de surpresa, oficiais, acampamento inimigo” e, especialmente, a palavra “maragatos” põe fora de dúvida o espaço, no qual se passa esta história. A personagem, por sua vez, vai se construindo aos olhos do leitor, primeiro face às referências a partir do presente da narrativa: “O General Chicuta resolve... sair da toca; ... passa horas sozinho, esperando a morte; ... papéis velhos, medalhas, relíquias, uniformes, lembranças; a cadeira de balanço, o retrato do Senador, o busto do Patriarca,... recordações dum tempo bom que passou”. Depois as referências a um episódio pontual na história da personagem: “Botou a farda de general e dirigiu-se para a Intendência. Mandou chamar o Mendanha, diretor do jornal. ... Abra a boca! – ordenou. ... – Come! Gritou. ... Mendanha suplicava com o olhar. ... – coma, pústula! E o homem comeu” colocam o leitor, frente a uma ficção que se confunde com a história das revoltas do Rio Grande do Sul. Não que os leitores saibam muito sobre essas guerras (o século XIX e o começo do XX foi pródigo delas, como de resto todo o período colonial), mas os comentários não deixam dúvida para o leitor de fora (o professor-mediador) que esses leitores identificaram a personagem pelos traços gaúchos, em um nível bastante profundo.

Trata-se de uma estrutura ficcional constituída de uma somatória de lembranças, recordações e devaneio. O devaneio é sempre positivo para quem se põe a devanear “O general mergulha no devaneio”, enquanto a lembrança aparece sem pedir licença e a recordação é buscada. E essa distinção (conceitualizada por Ricoeur, 2007) vem nos ajudando a organizar este processo particular de leitura. O conto é primoroso e os leitores vão se dando conta do “muito bem construído”, na medida em que a narrativa se desdobra em outros episódios que reiteram a natureza indômita da personagem e, mais que isto, sobre a complexidade da vida e de sua relação inseparável com a morte. O general Chicuta recorda na sequência um ataque vitorioso empreendido por ele, numa das campanhas revolucionárias do Rio Grande do Sul e no qual eternizou sua linguagem: “Inimigo não se poupa. Ferro neles!”. Segundo o narrador em 3ª pessoa, “Não ficou nenhum prisioneiro vivo para contar dos outros” e, mais adiante também nos conta que “hoje os jornais já falam na hiena que bebeu em 93 o sangue dos degolados”. A mesma frase que fez Mendanha pagar com a vida o tê-la pronunciado, em outros tempos. De tal modo que esses fenômenos mnemônicos podem culminar numa discussão sobre o conteúdo do esquecimento, mais especificamente sobre o que se decidiu lembrar e o que se decidiu esquecer. E, em última instância sobre a condição histórica dos seres humanos que somos.

As recordações e devaneios do General Chicuta conformam o seu passado glorioso, mas o presente do general é uma agonia perpassada por pensamentos amargos “Deus negou-lhe filhos homens”. Em lugar disto, deu-lhe “uma única filha mulher que morreu no dia em que dava à luz uma neta... casada com um bacharel... e um neto que parece uma menina”. Chiquinho é seu nome que, também segundo o narrador (que fala como se fosse a personagem), “tão próximo está dela não tem nada que lembre os Campolargos. Nada parecido pelo menos com os Campolargos que brilharam na guerra do Paraguai, na Revolução de 1893 e que ainda defenderam o governo em 1923...”. Ao constatarem esse movimento do texto, os leitores passam das inferências afetivas para as cognitivas, pois reconhecem o âmbito ético-político, no qual estão inseridos e no qual uma memória obrigada é mais incisiva que uma tradição do olhar interior que, por sua vez, daria ensejo a múltiplos lugares de interpretação, o que corresponderia a novas intervenções do mediador. Mas fiquemos com esta que já apresenta desdobramentos muito interessantes.

As primeiras percepções sentidas e agora interpretadas sobre a personagem ampliam-na, trazendo para a cena da leitura a questão da identidade ativa, que sempre esteve presente, mas que, estando sob rigorosa defesa, impedia que o ressentimento, contraditoriamente, lhe conferisse a dose de humanidade, que alguns leitores haviam intuído. Este jogo de memória impedida e memória manipulada que vive o leitor neste tipo de cultura acaba por confundir o que é pessoal e o que é coletivo, especialmente porque não trata dos usos e abusos desta memória exercitada nos centros de cultura, em casa e na escola. Em nenhum desses lugares de exercício da memória ou de espaços habitados por memória se promove a dialética da representação. Neste sentido, o ativo também aparece combinado com a violência das ações no passado, tão bárbaras para o leitor e para as vítimas, contudo caríssimas à personagem “Recordações dum tempo bom que passou”, em contraste com um presente de contrariedades que a personagem não consegue entender. O general Chicuta já não conhece mais a cidade onde mandou (a oposição comia fogo com ele) e desmandou (a morte do Medanha, a degola coletiva). Ali, automóveis, rádios, aviões o desagradavam; em lugar de água lhe trazem suco de laranja, “Ninguém dá mais importância ao velho”, e “Petronilho... agora goza, provoca, desrespeita. E fica rindo...”. Só lhe resta mesmo “recordar a glória antiga” e “entrar de novo ao devaneio”, uma escolha ou uma fuga, é o que resta, mas que representa algo positivo para a personagem, neste fim de vida. É esta ambivalência face ao passado e ao presente, de estar por cima e estar por baixo que, afinal, permitem ao leitor compreender a diferença entre a ideia de mentalidade na qual eles são formados e a de representação, à qual a literatura objetiva. Sobretudo, à medida que o leitor vai compreendendo essa estrutura constituída de polos opostos (natureza X cultura, mentalidade X representação)

que servem para formar um todo muito mais complexo do que se supunha à primeira leitura, o processamento da leitura vai ganhando força interpretativa.

É bom lembrar que esta personagem que se sustenta pela memória, lembrança, recordação e devaneio, ações que caracterizam o “ser humano capaz”, na expressão de Ricoeur (2007), é apresentada ao leitor como um bicho: “O general Chicuta resolve então sair da toca” e que, inclusive, tem uma relação sintomática com a natureza: “O general aceita o convite do sol”, porém as expressões “seus olhinhos sujos e diluídos se fecham ofuscados pela violência da luz” e “Do seu peito sai um ronco que lembra o estertor da morte”. Esta intermitência entre o humano e o animal pode ser observada tanto no conjunto mais amplo do texto, como também nas microestruturas como em “seus olhinhos”. O lugar do texto onde aparece essa expressão é o lugar da apresentação da personagem na sua condição presente, portanto no momento da decadência. Sobram palavras como morte, cadáver, defunto, mas também é o lugar da influência da natureza “Animado aos poucos pela ilusão de vida que a luz lhe dá” que, como o narrador, acolhe a personagem apesar de seus maus hábitos. O general Chicuta chama a todos de “patifes” e “canalhas”, “Manda chamar o Medanha”, grita ininterruptamente: “ – Petronilho! Negro safado! Petronilho!”, “– Quero um copo d’água... – Eu disse água!... – Eu quero água. – Água!”. Eu disse “acolhem” porque é sob o sol que a personagem devaneia. A natureza e o narrador são seus únicos e últimos companheiros, nestes derradeiros momentos que antecedem a morte e em que a vida ou é passado ou é aborrecimento.

Um aborrecimento que parece tão enfático quanto o êxtase do mandonismo e como tal é aleatoriamente contrariado pela neta, que lhe dá suco de laranja, no lugar de água. Por algum motivo que o leitor não atina, essa troca também é efetuada por Petronilho, que vive seu momento de gozo em substituição à vingança. O fato é que, por mais que o general seja insuportável, dar-lhe suco de laranja em lugar de água não tem nenhuma explicação nem científica, nem lógica, talvez psicológica como a que justificaria as suas errantes campanhas revolucionárias. Parece simples teimosia em resposta a tanta teimosia. Isto, em certa medida, coloca o leitor diante de um dilema: trata-se de um velho turrão apenas ou de uma personagem que tem sua razão de ser no tempo e no espaço histórico? Alguns leitores logo saem em defesa da personagem justamente por conta das reiteradas referências à guerra: ao ataque e à degola de duzentos homens, que pareciam típicas de um general pouco profissional “Se fizessem um ataque rápido, ela (a força revolucionária) seria apanhada de surpresa. O general... chamou os oficiais. Traçou o plano. Cercariam o acampamento inimigo”. Mas, ao contrário, estas ações passam a ser

totalmente justificadas dentro do contexto e conferem à personagem certa integridade, antes recusada. Em contraposição, outros, mais arredios a justificar as atrocidades do general, seguem sem perceber esse paralelismo na construção. Uma dualidade feita de compensações, no nível da narrativa. Se, considerarmos o equilíbrio da estrutura narrativa com o efeito projetado, podemos assinalar o efeito como plenamente atingido, mas alguns leitores têm dificuldade de olhar com desenvoltura para os procedimentos, especialmente quando se trata de textos que têm potencial catártico.

No entanto, não são alheios ao conjunto de ações (tidas como) positivas da personagem que, combinadas com comentários sutis do narrador traem contraditoriamente, a simpatia deste. Esta constatação implicará em modificações na relação memória/expectativa, acarretando, por sua vez, um novo direcionamento no processamento da leitura. Não foi um dado externo nem da referencialidade, nem da subjetividade do leitor que propulsou este efeito. Foi justamente, o dado familiar já desfamiliarizado no interior mesmo do texto que levou o leitor a repensar seu contexto pragmático em cuja familiaridade encontrava estabilidade. Ficou evidenciado assim que alguns leitores consideraram que se o narrador tinha elementos para justificar a perversidade da personagem, por que então o leitor mais identificado com a memória manipulada (uso prático da memória) não seria capaz de aceitá-lo em suas contradições? E apesar das divergências em relação a justificar ou não as ações da personagem, a esta altura, os leitores admitiram o caráter realista e naturalista do texto, dado que as representações são tão convincentes quanto bem elaboradas: “Marchariam no maior silêncio e, a um sinal, cairiam sobre os ‘maragatos’”.

Pois, do ponto de vista da eficiência, as ações do general não deixam dúvida. Afinal, este não é um general qualquer. Ele tem uma personalidade singular e sobre características específicas o narrador veio desenhando seu perfil. Há componentes dela que vão além de um ataque bem planejado, além de uma inteligência para o combate, uma competência para a guerra. Esses componentes nos são dados pelas idiosincrasias da personagem que repousam principalmente nos seus gestos nada sutis “Sorriu um sorriso torto de canto de boca... Passou o indicador da mão direita pelo pescoço” e, mais precisamente, na sua linguagem, “Inimigo não se poupa. Ferro neles!”, ao que o narrador trata de atribuir um sentido muito preciso: “Ia ser uma festa!... Foi uma tempestade”. Além disto, gozava de uma comunicação eficiente com os comandados “Os oficiais sorriam, compreendendo”. O general Chicuta reunia uma série de virtudes como intendente municipal e chefe político dum tempo remoto. E é esta cumplicidade do narrador que vai se tornando cada vez mais clara para os leitores, o que, em contrapartida, nos permite pensar na

“suspeita de si”. Alguns comentários evidenciam os abusos sofridos pela memória natural, seja no nível patológico-terapêutico (ou da memória impedida), seja no ético-político, (ou da memória obrigada), como alicerce da interpretação, o que corrobora a dialética da representação de uma realidade ambígua, não ambígua por si mesma, mas feita ambígua pela ficção.

É certo, pois, estarmos frente a uma personagem grandiloquente, tudo nela é hiperbólico, um “super eu”: essa individualidade organizada a partir do eu como unidade psíquica de síntese e de coerência das condutas. Pois, tanto os “tempos gloriosos” como os de decadência são marcados por gestos agressivos: “Começa a bater forte no chão com a ponta da bengala, frenético”. No entanto, essa agitação toda sugere que seu fim está próximo: “A voz... apagada... voz de moribundo”, seu fim como animal que é no fundo “O animal passou o inverno metido na toca”, apesar da energia de suas capacidades humanas como conversar, nem que seja com os “defuntos”; gritar, dizer desaforos “para os fantasmas”, dar vozes de comando “Romper fogo! Cessar! Acampar”, mesmo que seja para ninguém; “recitar coisas esquisitas” e, sobretudo, divagar sobre esses eventos apresentados de modo inquestionável, numa escala de legitimação muito comum na ficção realista.

Esta construção que alterna humanidade e animalidade na composição da personagem, esta trama tecida de fios vermelhos “93... Foi lindo. O Rio Grande inteiro cheirava a sangue”, entre o azul da clareira e o escuro do inverno, entre os determinismos do clima “adormentado pela carícia do sol” e o imponderável da descendência “No primeiro instante o general perde a voz, no Choque da surpresa. Depois murmura comovido: – Seu patife, Seu canalha! Degolou a lagartixa?”, entre recordações de vida no âmbito individual “o general se vê montado em seu tordilho, teso e glorioso, espada chispando ao sol, o pala voando ao vento...” e no âmbito coletivo “Aqui ele mandava e desmandava. Elegia sempre os seus candidatos; derrubava urnas, anulava eleições. Conforme a sua conveniência, condenava ou absolvía réus” que culminavam com fatos de morte: “o general estende a mão pedindo” desafia o leitor para além da história e o coloca diante de si, quer seja pelo apelo à afetividade, quer seja, pela sua percepção/conhecimento ficcional.

O leitor, ora embarca na condenação da personagem, por sua animalidade, ora se vê obrigado a reconhecer seu quê de humano, o que garante a ela um status muito bem justificado nesta saga que conforma as campanhas do Rio Grande e que deu origem a temperamentos e personalidades dessa envergadura, para as quais o narrador, embora não deixe fora os detalhes de prepotência, seguida de violência e de ignorância “Só restarão idiotas efeminados, criaturas que

acreditam na igualdade social, que não têm o sentido da autoridade, fracalhões que não hão de se lembrar dos feitos dos seus antepassados...” também não economiza em detalhes referentes à decadência física “ele arqueja”, “rosto murcho”, à decadência social “um caco velho, sem força nem serventia”, “um general de bobagem”, um “sargento” e psíquica “o general se entrega... braços caídos”; tudo dentro de uma estratégia construtiva muito peculiar.

Neste sentido, não há como não falar do rebaixamento da personagem que se apresenta de diversas maneiras “foi perdendo a autoridade”, “ninguém dá mais importância ao velho”. Não se pode deixar de assinalar também que esse rebaixamento segue paralelo à passagem do tempo “a situação política da cidade melhorou”, “hoje os jornais já falam na hiena que bebeu em 93 o sangue dos degolados” e, para completar, Petronilho “assiste com gozo sua agonia”, além de “pensar em novas perversidades” para desaforar-lhe. Petronilho, o negro é de fato a prova viva de seu rebaixamento e da inversão de gestos de poder que se deu na sociedade, sugerida pelo narrador, como contraponto aos “tempos gloriosos”. A ambivalência dessa situação é percebida pelo leitor como um estar bem à vontade do narrador que, pelo caráter realista da narrativa e, em certo sentido, regionalista do autor, não tem como acomodar essas modificações que são por si mesmas contraditórias, na sociedade brasileira. O desprestígio de um e o prestígio do outro são inversões restritas às contingências e não generalistas, o que é bastante sintomático em um texto realista e muito próprio do gênero conto.

Entretanto, esta personagem particularíssima é personagem de uma saga. Não é à toa que sua amargura se volta para a falta de homens entre os descendentes, ou de um que quisesse ser general como ele “Chiquinho quer ser doutor como o pai” e, neste sentido, o conto trata de um mundo em ruína, da própria ruína que o general resiste em aceitar. E da reflexão sobre o efeito causado nos leitores é que constatamos uma certa manifestação da “suspeita de si”, na medida em que a instância moral e a auto-observação se apresentam face aos ideais e ao sentimento de culpa. Não há como ignorar o comportamento irracional e a maneira de submeter-se a lideranças autoritárias e carismáticas que deriva desse modelo de maturação subjetiva, como o que se pode apreciar neste conto. A principal reação do leitor a esta altura é a suspeita em relação aos ideais que organizam esses processos de maturação da vida social, uma vez que os modos singulares do general não lhe conferem saída para seus impasses. Daí, a relevância da rememoração do general para o leitor que pode, por seu lado, (re)construir as contradições e conflitos ficcionalizados.

É indiscutível a simetria entre a narração sobre o passado e a narração sobre o presente e é justamente esse equilíbrio que permite a condescendência com a personagem, mas, mais que

isto, o fato de a personagem se constituir numa personagem de saga faz toda a diferença para o leitor sul-riograndense. Seus feitos são políticos, no sentido mais preciso da palavra e, portanto, históricos. Esta personagem não sobreviveria em tempos e espaços distintos dos que estão aí para emoldurá-la e o leitor vai compreendendo isto no decorrer da análise, ainda que não saiba nada sobre saga. Intuitivamente, no entanto, os leitores não apenas identificaram a personagem no contexto da experiência como vão identificando a personagem no contexto da ficção. Porém, é em razão da mediação que esses movimentos vão se configurando em percepções conscientes e que história e memória, o vivido e o imaginado vão se diferenciando. O intuído e o construído vão tecendo a tão falada teia, não apenas a teia da gênese do texto, mas também a teia da recepção.

Vale ressaltar que Érico Veríssimo não é um autor muito lido no Rio Grande do Sul, digo no sentido de que os estudantes não trazem essa referência de modo inequívoco e que suas virtudes reconhecidas são menos em referência ao seu talento de escritor e mais ao fato de ser gaúcho. Grande escritor, no entanto, que uma estrangeira como eu, só veio a descobrir por força da curiosidade de viver em um estado que cultua seu passado de forma persistente, mas que pouco conhece efetivamente a produção de seus homens imaginativos/construtivos. De resto, como os demais brasileiros, vivem aprisionados nos usos e abusos da memória escolarizada ou manipulada. Alguns leitores puderam vivenciar a partir do estímulo proporcionado pela leitura deste conto, lampejos de eventos recalcados numa memória dispersa que, em lugar de proporcionar um reconhecimento da história e da própria identidade, costuma congelar gloriosos discutíveis em um panteão também discutível e fizeram suas próprias avaliações.

Este fenômeno não constitui propriamente uma exceção, no contexto brasileiro, mas dá mostras de como pode ser profunda a relação entre o texto e a subjetividade do leitor e como isto pode ser importante para a interpretação. O texto de Veríssimo pode produzir tanto uma significação inusitada quando da assunção do negativo da personagem General Chicuta como para deixar vir à tona a historicidade da personagem, sua pertença a um tempo e espaço que os leitores santamarienses, por exemplo, reconhecem perfeitamente. Porém, se usado para enaltecer esse tempo ou se usado para condená-lo, perde o texto e, por extensão o escritor, e perde principalmente, o leitor. A teoria já havia ensinado essa lição, mas vivenciá-la foi uma experiência transformadora. Foi possível verificar que a projetada simpatia do narrador para com a personagem não era um fato gratuito, mas um fato ficcional também, construído para tanto, o que permitiu uma leitura/atribuição de sentido muito mais sofisticada por parte dos leitores. Por

fim, a observação do efeito dessa simpatia sobre os leitores, esse ler a recepção com olhos desarmados permitiu ao pesquisador atinar com uma dimensão do texto não provada com outros públicos.

Contudo, em um bom conto não poderia faltar o elemento surpresa. Neste conto, também a personagem se surpreenderá com a força da genética que, se não lhe deu outro general, há possibilidade de lhe dar um degolador. “– Degolei a lagartixa, vovô! Quem sai aos seus não degenera”, comentou um leitor. “–... Muito bem. Inimigo não se poupa... E afaga a cabeça do bisneto, com uma luz de esperança nos olhos de sáurio”. Surpresa tanto para a personagem como para o leitor que estava esperando um desfecho coerente com o gênero: superação ou castigo, mas não este que, convenhamos, é além de realista-naturalista, emblemático, reforçando o caráter de saga da narrativa. Essa combinação de naturalismo com saga confere ao texto uma condição histórica que atualiza o fardo da história, por um lado, e joga luz no “não-histórico”, por outro, porquanto não seja nada elogioso equiparar homens de hoje com personagens como o general Chicuta, que contrariam a nobreza de caráter que se quer imputar aos heróis e, na outra ponta, é justamente a memória profunda que traz à tona a semelhança que gera reconhecimento e superação. Esses insólitos lugares de memória ajudam o leitor a compreender o ser-no-tempo e a dialética da história e da memória.

Entretanto, isto só é possível porque a ação pragmática esteve suspensa, enquanto durou a interação da percepção do leitor com a literatura. A horizontalidade da ficção ou da representação da convenção permitiu que o leitor se visse à distância. O efeito surpresa, implicado na mudança de percepção entre figura e fundo no plano pragmático, constituiu, pois, o aspecto de semelhança na nova percepção do leitor. Ao colocarmos em interação o contexto de ação do leitor com a ficção, o resultado de todo esse percurso implicou uma resposta, ou seja, uma significação para a experiência estética do significado imagético (efeito). O conceito de significação funda a descrição do processo de leitura segundo os pressupostos de interação do receptor do leitor com o texto literário. E a resposta estética da significação fundada, por sua vez, no vínculo entre subjetividade e estrutura intersubjetiva se mostra inesgotável.

O gênero conto e o conhecimento estético

“No hay comprensión posible para el hombre sin imaginación”

Sintetizando, o objeto conto se materializa em face de uma hermenêutica e em face da recepção. Pois, o conto é um gênero que solicita a memória que, por sua vez, demanda uma

identificação, que colabora para um novo saber sobre si mesmo e sobre o outro. O conto também é um gênero que relativiza a história, porque constrói novas visões da história, na medida em que também constrói um objeto histórico que, por sua vez, pode afetar a história, reafirmando-a ou modificando-a. A desconstrução do objeto conto permitiu, assim, que alguns leitores santamarienses se identificassem, porque sua memória e imaginação foram tocadas de modo particular, produzindo um novo fato (história revista) a partir da ficção. Entre a personagem e o leitor houve uma intersecção de subjetividades, cujo mérito consistiu justamente na releitura do traço “mau”, equivalente à generalidade, versus traço “bom”, equivalente à singularidade, ou mais que isto, a superação dessa dicotomia gerou uma “suspeita de si”, que resultou, por contiguidade no conhecimento estético.

Vale ressaltar que a atividade de mediação de leitura que estivemos descrevendo e sobre a qual estivemos refletindo se deu em pelo menos três níveis de leitura, seja o dos participantes do projeto (alunos de Letras inscritos para o 1º Semestre 2013), seja o dos mediadores monitores (alunos de Iniciação Científica que recebem formação em mediação de leitura), seja o do coordenador do Projeto (mediador mais experiente). Nosso objetivo, portanto, foi o de tratar a recepção como construção e por extensão como conhecimento do objeto estético e, além disto, explicitar um caminho analítico. Para tanto, o conto escolhido “Os devaneios do general”, funcionou como um posto de observação privilegiado face à criação de Érico Veríssimo, escritor gaúcho, e da recepção do grupo de leitores do curso de Letras da UFSM. A reflexão sobre esta experiência nasceu, portanto, de um desejo individual de conhecimento e de uma necessidade pedagógica.

Deste modo, a matéria recordada e imaginada pelo autor, construída pelo narrador e percebida pelo leitor evidenciou um objeto complexo, ou seja, objeto material, enquanto fato verdade e fato imaginado, pertencente, portanto, à história e à ficção, e objeto imaterial porque pode provocar tanto verdade como fantasia. Por ser um modo específico de ficção, o conto se caracteriza por um certo número de marcos convencionais, cuja apropriação põe em funcionamento tanto a memória como a imaginação, afetando conseqüentemente a sensibilidade do leitor, sobre a qual interferem tanto sua experiência de vida como a de leitura. É neste ponto que as subjetividades de autor e leitor se comunicam, possibilitando a compreensão ou alguma atribuição de sentido, pois vimos como o tempo, a atenção, a curiosidade, o aceitar o desafio de uma mediação contribuem para a qualidade da compreensão. E é exatamente este tocar a

sensibilidade do leitor que, além de contribuir para a formação, pode contribuir para uma melhor consciência de sua identidade.

As convenções funcionaram aqui frente à identificação dos elementos de figura e fundo, nos quais passado e presente se qualificam para conferir à personagem o máximo de superioridade que também é a medida da sua derrota. Este elemento construtivo acaba por evidenciar a sensação de semelhança, de simpatia, de empatia do narrador para com a personagem, com a qual compartilham também alguns leitores. Há, portanto, uma razão de ser, uma explicação e uma expiação como consequência do efeito e parte dos leitores corrige seu sistema de referências, afina sua percepção e reafirma ou não sua identidade. Outros corrigem seu sistema referencial incluindo uma nova possibilidade frente às potencialidades do objeto.

Neste sentido, a atividade acima descrita e refletida é resultado de uma tensão que levou a uma prática criativa, cujo processo pode ser entendido desta maneira: "Cada vez siento más intensamente que todo texto es un prólogo (o un esbozo) en el momento que se escribe, y una máscara mortuoria algunos años después, cuando no es otra cosa que la figura ya sin vida de esa tensión que lo animaba" (LARROSA, 2003, p.25). Passados os momentos dos encontros, em que a vibração de todos era compartilhada, resta reforçar tanto para o mediador como para o leitor que a prática de leitura como instrumento de formação implica necessariamente uma atividade criativa. Este trabalho voltado, assim, para a sensibilidade, que leva em conta a competência frutiva acaba por refinar a percepção do leitor porque o sentido interpretado tornou-se suporte de um sentido-sentimento. Assim, é sobre o efeito que o mediador se debruça para compreender o que afeta o leitor, uma vez que o nível situacional é justamente o que aciona o reconhecimento das marcas oferecidas pelo texto para a construção do sentido. Se o leitor se abre para as qualidades da personagem, na medida das analogias que constrói de acordo com seu olhar para o mundo, ler passa então a ser igual a sentir os afetos provocados pelo texto e a memória, no caso do conto em questão, funciona como fio condutor dessa adesão do leitor por se sentir tocado pela situação lida.

Deste processo que combina competência de linguagem com competência frutiva deduzimos uma inteligibilidade maior do texto, porque mais aberta às possibilidades de afetamento, o que redundou em maior confiança por parte dos leitores para manifestar seu próprio grau de aceitabilidade da personagem-título. Desde um ponto de vista semiótico, a fruição estética é tão importante para o estudante de Letras como para o leitor comum, porque ambos são afetados pela totalidade do sentimento, especialmente àquele resultante da qualidade

do sentimento apresentado na obra de arte. Recursos que buscam causar surpresa, que causam impacto ou ruptura que, acima de tudo, primam pela originalidade da construção, com o propósito de provocar uma resposta sensível e contam com a noção de ânimo do leitor presentificando a fruição, acionam o jogo ficcional do texto e o reconhecimento do vivido pela memória ou pela imaginação. Todos eles combinados levam ao sentido final do texto, mas não a um único, como já sabemos, mas é sempre bom lembrar.

Em outro nível de reflexão, podemos observar que a flexibilidade tanto da experiência vivida quanto da linguagem utilizada para expressar essa experiência traz à tona a questão das memórias manipuladas como problema que ameaça as identidades de autor e leitor. Pois, não existe uma identidade pessoal totalmente única. O ser humano é, na visão de Ricoeur, alguém que vive em um mundo com outros e em instituições de vários tipos. Esse “ter sido” lembrado ou imaginado da personagem general Chicuta resultou da específica capacidade de empreender narrativas por parte do artista, mas ao re(a)presentar por meio da ficção um fato velho, capaz de gerar novas significações, o autor pode não só resgatar experiências coletivas como também promover experiências pessoais inusitadas. No caso, devido ao pertencimento à mesma comunidade cultural, autor e leitor estabelecem uma relação profunda tanto no que diz respeito à resistência deste grupo ao pacto cultural hegemônico, quanto ao que diz respeito à adesão ao pacto, no qual a memória fez um trabalho de resgate por reconhecer certos usos de linguagem bastante integradores. Nestes usos, a memória fez uma intersecção significativa, uma vez que se verificou uma comunicação eficiente e efetiva entre obra e leitor.

No mundo veloz em que vivemos, além de predominantemente imagético e conseqüentemente superficial, o papel da memória é inestimável, pois ao contrário, do que se imagina “a memória é coisa de velho”, “velho é que gosta de lembrar” é na memória que repousam possibilidades de resgate e resignificação de muitos eventos recalcados ou simplesmente adormecidos, como mostrou Veríssimo com relação à criação desta personagem. Se, para alguns, suas ações constituíam um fato menor, coisa de ficção, sem qualquer emoção mais eloquente, para outros, o sentido dessa postura estava aguardando uma nova oportunidade de atualização. É neste sentido, que defendemos o papel humanizador da literatura. Não a rebaixamos. Seu status de objeto estético continua preservado, mas o tratamento que damos à recepção é de natureza fenomenológica. Pois, da relação das ideias presentes no texto com experiências apagadas ou persistentes na memória e da seleção empreendida pelo leitor para interpretar o texto pode resultar um sentido muito mais profundo do que aquele suposto a

princípio, em um exercício de leitura ou mesmo em uma análise rigorosa. Os níveis construtivo e situacional fizeram vínculos neste processo de influências mútuas em que a leitura do texto literário e a consequente atribuição de sentido evidenciaram de parte dos leitores um grau de competência de linguagem, de autonomia, de participação e de consciência de atuação como coenunciadores, poucas vezes obtida, porém buscada com afincamento no Projeto.

E é esta experiência vivida e refletida que nos leva inevitavelmente a associar conhecimento e sujeito cognoscente, imaginação e realidade, no contexto de criação e leitura de textos literários. E, por sua vez, às noções de reprodução e de produção criativa. Não custa lembrar que, estando a imaginação ligada à capacidade criativa da linguagem (*fictio* vem de *facere*), o que se ficciona é algo ao mesmo tempo fabricado e ativo. Conforme Iser (1979), algumas possibilidades de efeito são apenas desativadas, mas não eliminadas, de modo que o sistema pode perfeitamente adaptar-se às mudanças do mundo, pois a ficção abala a estrutura da realidade, ela reorganiza horizontalmente os valores hierarquizados da sociedade e com isto, promove novas seleções que passam a constituir-se em novos repertórios que pedirão novas formas de relação entre artista e leitor. É importante ressaltar, portanto, que a estrutura ficcional restabeleceu, em termos de recepção, a vida, a força, o sentido da personagem como uma espécie de crítica aos homens e valores de hoje, considerados progressistas, em alguns aspectos, mas não totalmente. Há uma coesão na composição da personagem que renova na perspectiva da ficção algo que a realidade já não possibilita.

O método empregado para descrever esta experiência nada mais é do que o que o filósofo Spinoza (1632-1677) chamou de “conhecimento reflexivo” ou “ideia da ideia” (VÁZQUEZ, 1986). O quanto de liberdade que colocamos na mediação (poder do intelecto de transcender a passividade, de adquirir compreensão da natureza das coisas) pode fazer a diferença tanto para os leitores, como para os mediadores em formação que, mais facilmente, podem abster-se das coisas inúteis. Ou seja, antes de ser um bom leitor, há que ser leitor e parece que a escola anda esquecendo-se deste detalhe. Além disto, a arte consiste em um processo de conhecimento mais efusivo (para usar uma expressão cara a Spinoza) que a ciência e, isto tem a ver com a atividade inerente às emoções e sua consequente potencialidade para fazer sentido, em um mundo caótico como o nosso.

Assim, toda a questão do método, tanto no tocante à criação quanto no tocante à recepção é determinada pelo ponto de vista e este é tão obviamente pessoal que espanta que se determine qual interpretação o estudante deva alcançar. Daí a importância da memória, da

identificação e da sabedoria prática no processamento da leitura. Conceitos que permitiram acionar as condições de possibilidades do texto em relação a esse público específico que, apesar de uma identidade singular, é constituído por indivíduos que vivem num mundo com outros e sujeitados a instituições de vários tipos que convergem para certas defesas, nem sempre propiciadoras de cura, no sentido de superação de traumas ou de degenerescência (mania de degola) como a de Chiquinho. Desta perspectiva, a mediação levando em conta a possibilidade de reavivar tanto a lembrança como o esquecimento, abriu a discussão sobre a memória comemorativa e seus possíveis abusos.

Podemos observar que a imagem retida pelos leitores ou a imagem produzida pela História não levava em conta a imagem proporcionada pela literatura, o que traz à tona a questão da fidelidade das imagens em relação ao que elas representam para o leitor no ato da leitura. A distinção entre recordação e hábito que assinalamos acima ajuda-nos também a compreender a distinção entre memória e imaginação, na medida em que a recordação depende de uma específica capacidade de lembrar, assim como falar, narrar e compreender narrativas e que o hábito, por sua vez, atua de uma maneira contínua no presente. Ricoeur explica que memória e hábito constituem o que a fenomenologia chama de “presentificação” que no caso do conto “Os devaneios do general” se alternaram e se equilibraram para produzir a estrutura ficcional. Neste sentido, a memória (re)apresenta os fatos vividos, lembrados, historiografados e no encontro com o efeito causado no leitor, com as suas inferências e significações, expõe os usos negativos desta mesma memória: a memória bloqueada, as lembranças manipuladas e os usos abusivos da (co)memoração. Em última instância, a mediação ajuda a revelar memórias individuais (egos específicos) e memória coletiva (anônimo coletivo). Porém, a memória individual é a que conta mais porque o senso de pertencimento está presente na individualidade deste “eu” no espaço. Enquanto a memória coletiva está associada à resistência de um grupo no tempo, quer falemos dele na primeira pessoa ou na terceira, como neste conto.

Ao reconhecermos que qualquer testemunho sobre o passado, quer seja na história, quer seja na ficção, coloca três fatores em jogo: o testemunho propriamente, o uso de verbos no passado e uma alegação relativa a um tempo e um lugar específicos (RICOEUR, 2007), é inevitável examinar a relação entre explicação e entendimento no processamento da leitura. A interpretação entra em jogo e projeta uma possibilidade de identidade autêntica e o significado que se atribui a partir deste processo é absolutamente pessoal e intransferível. E a função humanizadora da arte se revela como forma organizadora do pensar e agir humanos, porquanto o

sentimento é exclusivo e especificamente humano, assim como a função precípua da obra de arte é fazer sentido e/ou provocar sentimento. O encontro de experiências, os processamentos analógicos é que produzem efeito, autor e leitor estarão inextricavelmente em comunicação ou não haverá sentido. Nesta perspectiva, o processo identificatório operado pelos leitores não pode ser explicado, a não ser vagamente, como fizemos, mas o resultado da reflexão sobre a atividade de mediação identifica a sensação de amadurecimento experimentada pelo leitor e, em última instância, se explica como método de conhecimento equivalente à busca da própria liberdade, como tal, desafiadora. E, principalmente, indica um caminho possível, para os leitores e para os mediadores de leitura em formação. Compreender a compreensão pressupõe também munir-se de estratégias que ajudam a perceber profundamente aquele que lê, observar e registrar as inferências expressas indiretamente por meio de analogias para, ao final, apreender sua renovação e (trans)formação, pois que foi desafiado a construí-la. A emoção, como moção, movimento, (des)locamento de ânimo encontra, no afetamento do texto do qual é alvo, seu lugar no ser humano. Por fim, atuar e relatar são dois sentidos expressos por nossa capacidade de fazer história e se traduzem em sabedoria prática que, espero, possam inspirar outros leitores e mediadores.

Referências

- FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização [1930]. Trad. Paulo César de Souza. *Obras Completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-122.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.105-118.
- _____. *O fictício e o imaginário*. Perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- _____. Os atos de fingir ou o que é o fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.955-984.
- LARROSA, Jorge. Literatura, experiencia y formación. In: *La experiencia de la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p.25-54.
- RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alin François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p.25-70.
- SAER, Juan José. *La narración-objeto*. Buenos Aires: Planeta, 1999, p.17-29.
- SAFATLE, Vladimir. Freud e a suspeita de si. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2011, Ilustríssima, p.04-05.
- VÁZQUEZ, Manuel E. La filosofía como ejercicio racional en sociedad de la libertad. In: _____. *Spinoza*. Barcelona: Península, 1986, p. 94-100.
- VERÍSSIMO, Érico. *Os devaneios do general*. Entrevero. Porto Alegre: L&PM, 1984, p.106.

Mestrado em Literatura Espanhola e o Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). Realizou pesquisa de Pós-doc na PUC-MG. Atualmente é Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Dedicar-se à pesquisa sobre Modernismo/Vanguardismo na América Ibérica, dentro da Linha de Pesquisa: Escritas Literárias e Leitores.. Email: sofernan@terra.com.br

Recebido em 30 de abril de 2015.

Aceito em 25 de junho de 2015.